

## {PALAVRA DO REITOR}

A produção de conteúdo no mundo inteiro cresce vertiginosamente. Não somente em blogs e redes sociais, grandes players do mundo digital graça à facilidade com que seus administradores podem inserir textos e imagens, mas também em sites e, notadamente, novas revistas digitais e e-books. Se antes era preciso uma editora para lançar um livro ou uma revista, hoje os autores são também editores e conseguem disponibilizar suas obras com facilidade em plataformas múltiplas. O resultado é que, lamentavelmente, não temos mais uma “curadoria” de conteúdo.

A decisão da Belas Artes de publicar uma nova revista é reflexo do nosso compromisso com o conteúdo relevante. Como instituição de ensino, temos o compromisso de entregar à comunidade (não somente acadêmica) o resultado daquilo que debatemos internamente: cada professor nosso é um curador desse vasto conteúdo disponível.

Ao ler os textos que estão nas próximas páginas, o leitor terá a oportunidade de entender mais sobre assuntos que possivelmente já foram tratados por outros autores. Seu ineditismo está, justamente, na forma como foram escolhidos e tratados: aqui, deixamos de lado a superficialidade, que muitas vezes caracteriza o tratamento dado aos mais diversos tópicos, e os autores vão a fundo investigar mais sobre aquilo que merece um segundo olhar. Um olhar mais analítico, questionador. Que nos leva à reflexão e proporciona novos diálogos.

Boa leitura!

Prof. Dr. Paulo Antonio Gomes Cardim

Reitor

## {EDITORIAL}

Quais os caminhos da Arte no século 21? A partir deste questionamento, lançamos a Revista Arte 21. Conhecer a pluralidade de formas, pensamentos, práticas, procedimentos e linguagens do fazer artístico amplia nosso olhar sobre o mundo, redimensiona nossa realidade e cria outras possibilidades de nele intervir. Com esta proposta, organizamos para o número 1 da Revista uma coletânea de textos que aguçam nossos sentidos sobre arte e sua conexão com o conhecimento. Todos os trabalhos aqui apresentados abordam direta ou indiretamente o tema, deste número, os sentidos do contemporâneo: como compreendê-lo para além da ideia do que pertence ao nosso próprio tempo?

Os artigos analisam as linguagens gráfica, audiovisual, literária, musical e . Em “Residuais”, Helena Freddi investiga a reflexão sobre vontade humana em se apropriar da realidade vivida poeticamente trabalhada pela memória que surge como instrumento mediador, entre o campo da criação e o da matéria gráfica. Marcos Vinicius de Oliveira propõe, a partir do texto de Benjamin “Experiência e pobreza”, uma incursão pelos sentidos que encontramos nas manifestações contemporâneas da cultura brasileira. Marilúcia Botallo informa que ampliar as tarefas habituais dos museus de preservação e divulgação da cultura material assumiu um papel protagonista nas ações que qualificam produções artísticas não residuais. Os caminhos do romance contemporâneo, num bonito estudo comparado, são apontados por Marcelo Lotufo. No texto “Tem um computador na minha roupa” as novas interfaces e mídias interativas, Guilherme Ranoya busca compreender a relação entre computação, mídia e arte, por intermédio da chamada computação física.

Enquanto os artigos buscam respostas e abrem caminhos para outros horizontes da arte contemporânea, o formato parole inaugura uma nova proposta textual que dialoga com temas que incidem sobre moda, vídeo, comunicação e suas articulações com o mercado. No mesmo percurso, os ensaios de Roberto Moreira e Monica Palazzo abrem novas inquietações sobre vídeo, arte e curadoria. A resenha de Fernando Amed faz uma excelente análise do conjunto da obra de um dos grandes pensadores italianos Giorgio Agamben e como este italiano propõe pensar os sentidos do contemporâneo. A entrevista com Esther Hamburger apresenta e discute os caminhos da televisão brasileira, da telenovela além de assuntos polêmicos e pouco debatidos. Em Palavra estrangeira, o canadense Robert Logan com “Os ensinamentos de Marshall McLuhan para profissionais de design e arquitetura” comenta o lugar que o artista desempenha na sociedade contemporânea apontando sugestões para o engajamento de designers e arquitetos. Já o uruguaio Fernando Andacht apresenta uma leitura semiótica da oferta crescente de signos indiciais disponíveis para o consumo televisivo e sua dinâmica com a subjetividade do receptor.

Revelar esses encontros e desencontros sobre o percurso do contemporâneo nas artes reforça nossa constante obrigação de, como Centro Universitário de Belas Artes, ao longo de mais de 80 anos, apresentar outras versões que a verdade da Arte tem a nos mostrar. Não foi outro o objetivo deste número e tem sido também este o objetivo desta instituição.

Boa leitura!

Prof. Dr. José Ronaldo A. Mathias

Editor